

A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E INTELECTUAL DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS (T.O.D.)

Antero Reis Bezerra

Universidade Estadual do Vale do Acaraú – jampavox@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Constituição federal, através do Plano Nacional de Educação garante o direito de as pessoas com necessidades especiais receberem educação preferencialmente na rede regular de ensino. A lei nº 4.024/61 reafirma o direito dos excepcionais à educação, indicando em seu artigo 88 que: “para integrá-los na comunidade, sua educação deverá, dentro do possível, enquadrar-se no sistema geral de educação”.

Pode-se dizer que o princípio básico que está implícito é que a educação de crianças especiais deve ocorrer com a utilização dos mesmos recursos utilizados para a população em geral, podendo se realizar através de atividades diferenciadas, de acordo com as necessidades de cada um.

Segundo a lei nº 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu parágrafo 3º, relata que “A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. ” Não podemos fugir desta responsabilidade, visto que somos participantes diretos desse processo e não estamos livres de nos deparar com uma criança portadora de necessidades especiais em nossas salas de aula.

A música exerce sobre nós um grande poder. Somos seres musicais. Os elementos da música são produzidos e traduzidos no cérebro. Segundo Muszkat (2010):

Música ativa áreas cerebrais múltiplas. Depende de algumas características da própria música: o tipo, o estilo, a familiaridade que o indivíduo tem com determinados tipos de música. Elas modificam as áreas cerebrais que são ativadas. A música não depende da língua ou da fala, leitura ou escrita. Ela vai diretamente para um sistema mais instintivo e primário que modula as nossas emoções.

Música na vida de uma pessoa é responsável por várias sensações: da distração mais suave a emoção mais forte. Interfere nos pensamentos e mexe com nosso corpo. Nenhuma pessoa está imune à força que uma melodia tem. Por isso, trabalhar com música é tão eficaz.

Com objetivos didáticos, desenvolver aulas com música para crianças especiais é poder oportunizar momentos de aprendizagem significativos para que possam desenvolver suas aptidões, sua memória, seu intelecto. De acordo com (Oliver Sacks, 2015): “A música é uma forma eficaz de nos lembrarmos e de aprender. Não é por acaso que ensinamos às crianças pequenas com rimas e músicas.”

Isto posto, pode-se utilizar essa expressão artística musical para incitar o indivíduo a explorar inúmeras possibilidades de sua utilização no meio educacional e na vida. Utilizando cantigas de roda, canções folclóricas e de domínio público, pode-se fazer uma junção de outras linguagens como a dança e o teatro, além das artes visuais na construção desse processo.

Com a publicação do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil -RCNEI, em 1988, pelo Ministério da Educação e Cultura, o ensino de música centrou-se na experimentação, com fins de interpretação, composição e improvisação, abrangendo a percepção do silêncio e dos sons, como também das estruturas organizacionais da música.

Chiarelli (1995) afirma que “música é importante para o desenvolvimento da inteligência e a interação social da criança e a harmonia pessoal, facilitando a integração e a inclusão.”

A música é utilizada em diversos momentos na rotina da educação infantil. Hora de chegada, saída, lanche, para criar uma rotina, importantíssima ao desenvolvimento da criança, além de possibilitar uma maior interação com o mundo dos adultos e tudo que os rodeia. A partir da brincadeira, espontaneamente, a criança se desenvolve cognitivamente e intelectualmente pois, segundo o RCNEI (Brasil, 1998):

O ambiente sonoro, assim como a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês e as crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlendas, reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem.

Toda criança é um ser brincante, musical e receptivo a energias que emanam de todas as fontes sonoras existentes. A pessoa, instintivamente, conecta-se ao universo exterior, seja pela escuta do que está ao seu redor, dos sons e obras musicais diversas e gestos produtores de sons vocais, do corpo ou com outros materiais.

Fazer música na infância gera muitas possibilidades como: tocar, cantar, se movimentar, improvisar e registrar tudo através de desenhos. E pode-se até dizer que se as etapas do desenvolvimento cognitivo e intelectual demandam uma padronização das condutas musicais, é preciso considerar que os “ruídos”, as interferências sonoras também fazem parte deste universo. Cada pessoa é única e responde particularmente a cada estímulo sonoro a que é exposto. Isso deve ser reconhecido e valorizado durante o processo educacional.

Os transtornos são caracterizados por “sinais sintomatológicos que provocam uma série de perturbações no aprender da criança, interferindo no processo de aquisição e manutenção de informações de uma forma acentuada.” (Relvas, 2008)

Existem muitas vantagens em se utilizar música na sala de aula. Ela ajuda a pessoa a crescer visto que, desde o útero da mãe, a criança já tem contato com ruídos e sons. Ao nascer, já tem uma memória musical e é capaz de reconhecer várias sonoridades que vão se desenvolvendo durante o crescimento.

A música tem uma grande parcela de contribuição para as atividades realizadas em sala de aula pois motiva e ajuda, condicionando e determinando comportamentos e expressões de sentimentos. A criança pode estar, por exemplo, nervosa, com uma depressão ou agressividade, e determinado som ou canção, tem o poder de lhe acalmar ou alegrar, estimular, proporcionar paz, etc.

No mundo atual se fala muito em musicoterapia: a utilização da música como terapia para tratamento de diversas enfermidades. Realmente, os benefícios são referendados em diversas bibliografias e largamente difundido, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos. Anne Sommermeyer disse que:

Ter deficiências motoras não significa não ter direito à educação musical. Se não podem encontrar alguém que não tenha a capacidade de ajuda-las a tocar um instrumento, pelo menos, podem ouvir música, seja gravada, seja ao vivo. Temos, no entanto de ter em conta que estas crianças, nomeadamente, as que têm dificuldades auditivas, são muito sensíveis ao ruído e devemos, por isso, ter o cuidado de considerar este aspecto.

METODOLOGIA

Dentre os muitos transtornos que podem ser identificados na sala de aula desde a educação infantil, destaca-se um bastante comum e pouco percebido como tal. Chama-se Transtorno Opositivo Desafiador (TOD).

O TOD, como já foi dito, é um transtorno que tem como base padrão de comportamento negativista e desafiador. Essas crianças, geralmente apresentam tendência a se descontrolar, discutir com outras pessoas e recusar-se a fazer o que é lhes dito, apresentando comportamento de oposição.

O tratamento recomendado com frequência é a psicoterapia individual associada ao aconselhamento e treinamento parental, auxiliado pelas pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem, neste caso, o professor.

Às vezes, o opositor pode ser confundido com aquele aluno mal comportado que sempre se recusa a obedecer. Esse comportamento hostil se torna frequente e constante a partir do momento que a criança não consegue acompanhar o rendimento da turma em que está inserido, tornando-se alheio às atividades propostas.

Segundo Serra-Pinheiro (2004), o TOD é:

Transtorno disruptivo, caracterizado por um padrão global de desobediência, desafio e comportamento hostil. A criança ou adolescente discute excessivamente com adultos, não aceita responsabilidade por sua má conduta, incomodam deliberadamente os demais,

possuem dificuldade de aceitar regras e perdem facilmente o controle se as coisas não seguem a forma que eles desejam

Uma criança com TOD apresenta alguns sintomas como: Frequentes acessos de raiva, discussões excessivas, questionamento de regras, desafio e recusa em cumprir pedidos de adultos, irritação excessiva, ressentimento, agressividade, problemas no desenvolvimento intelectual. Também se caracteriza como algo genético e dependendo do ambiente, pode ser agravado quando não diagnosticado e tratado. A criança tem disposição natural ou limitações, atraso no desenvolvimento da capacidade de pensamento e sentimento, falta de fiscalização da parte dos pais, inconsistência ou disciplina severa, abuso ou negligência e desequilíbrio de substâncias químicas no cérebro.

De acordo com Fontenelle (2012) sintomas são vistos em várias configurações, sendo mais percebidos em casa e na escola. Ocorre entre 2% e 6% das crianças e adolescentes. Durante a infância, é mais comum em meninos. É gradual e aumenta a gravidade dos problemas ao longo do tempo.

A melhor maneira de tratar o TOD abrange técnicas de modificação de comportamento, utilizando uma disciplina coerente, reforçando positivamente os comportamentos adequados. Através da orientação aos pais, se obtém, rapidamente, a compreensão e conseqüentemente passam a saber conviver e colaborar com o tratamento efetivo da criança. (Fontenelle, 2012). Para ensinar uma criança com TOD a seguir regras, utiliza-se o sistema de fichas. Discute-se junto com ela e os pais, os comportamentos desejados e escritos em uma cartolina. Cada tarefa, se cumprida, valerá pontos, dependendo do esforço. De acordo com os resultados, a criança poderá ser premiada por algo definido no começo da intervenção.

Existem algumas regras importantes para o tratamento de crianças com o transtorno: falar perto, dar regras claras e simples, pedir para que ela repita as ordens, nunca ordenar em forma de pergunta, nunca reforçar o negativo, não conversar na hora da raiva, elogiar e recompensar ao invés de punir, reforçar e elogiar os comportamentos adequados. (Fontenelle, 2012)

CONCLUSÕES

Durante o processo de construção deste trabalho foram percebidos como oportunidades de aprendizagem grandes modificações no processo de educação mundial, com vistas à Educação Especial. Ao longo do tempo, as pessoas passaram a se preocupar mais com as pessoas e começaram a refletir e aceitar as diferenças, antes vistas como defeitos e até rejeição. Desde a antiguidade o deficiente era tratado como peso e indiferença.

A escola é considerada um espaço necessário à transformação da sociedade, da família e do próprio portador de necessidades especiais. O ambiente escolar também é importante pelo fato de proporcionar

congratamento entre os alunos, entre os professores e os alunos, funciona como terapia através da amizade, boas relações e autoestima, colaborando com a construção de uma identidade pessoal.

Como propõe o trabalho, a música é o fio condutor deste processo educativo, e como tal, cumpre seu papel na sociedade, como instrumento facilitador em todas as áreas possíveis por ser a melhor forma de sensibilização conhecida e em suma, conter elementos básicos necessários para o processo de ensino-aprendizagem com crianças.

Tentar dar conceito ao sentimento gerado ao fazer esse trabalho seria falar do pleno amor. (Freire, 2000) diz: “Aprender a amar, o quinto pilar do conhecimento da educação na nova era.” E ainda (Prandini, 2003): “Amor é a relação fundante entre os seres humanos.” Ao ler e reler este trabalho, é quase impossível, para alguém envolvido com a educação, não se apaixonar pela educação especial. Essa modalidade nos abre um leque de possibilidades e desafios, algo bastante enriquecedor para o fazer pedagógico de um professor.

Paulo Freire (1992) nos diz insistentemente que “a tarefa mais importante de uma pessoa que vem ao mundo é criar algo novo.” Mas para criarmos esse ‘algo novo’, devemos vencer o medo, de forma a inventar, criar, sendo de certa forma rebeldes e ousados, não tendo medo de contestar dogmas, além de rever conceitos e verdades prontas e acabadas.

Espera-se que o trabalho contribua para as reflexões da comunidade acadêmica, através dessa experiência relatada para que os educadores saibam identificar e trabalhar musicalmente a inclusão de forma positiva, em suas salas de aula, proporcionando aos meninos e meninas ditos “especiais” uma nova e ampla forma de desenvolvimento cognitivo e intelectual. É importante em nossa rotina, saber conviver, respeitar e aceitar as diferenças físicas ou comportamentais dentro do processo. “A música está ao nosso redor. A gente só precisa ouvir!” (Castle, 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

_____. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1993.

AMARO, Deigles Giacomelli. **Educação Inclusiva, Aprendizagem e Cotidiano Escolar**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Volume 6: Arte**. 2ª ed. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTLE, Nick; HART, James B.; CASTRO, Paul. **August Rush**. EUA: Warner Bros, 2007.

CORREIA, L. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares**. 1ª ed. Porto Editora: Porto, 1997.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais - Acesso e Qualidade**. 1ª ed. UNESCO, 1996.

FERREIRA, Isabel. **A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com Necessidades Educativas Especiais: perspectiva dos Professores do 1º Ciclo.** Disponível em: <http://meloteca.com/pdf/musicoterapia/isabel-ferreira_nee.pdf> Acesso em: 17/08/2016.

FONTENELLE, Rafael. **Transtorno Desafiador Opositor.** Disponível em: <<http://rafaelfontenelle.blogspot.com.br/2012/07/transtorno-desafiador-opositor-tdo>> Acesso em: 14/08/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social.** 1ª ed. São Paulo: AVERCAMP Editora, 2006.

MAZZOTA, Marcos J. S. **Fundamentos da Educação Especial.** 2ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.

Ministério de Educação e Cultura. **Plano Nacional de Educação.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/plano1.pdf>> Acesso em: 07/08/2016.

SOARES, Alexsandro R. **A Importância da Arte para a Socialização.** Disponível em: <<http://rieoei.org/opinion42.htm>> Acesso em: 01/09/2016.

VIGOTSKI, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** 4ª ed. São Paulo: Ícone e EDUSP, 1994.